

Tornar visível o corpo do mundo

O trabalho de Cristina Ataíde revela-se na contaminação latente entre o «ser escultura» e o estar no limite de incorporar o «ser desenho» ou, ainda, o ser uma qualquer outra coisa que escapa a designações comuns que, comodamente, alinham e designam modos e resultados do fazer artístico.

No trabalho de Cristina Ataíde está também latente uma profundidade do «ser» (do seu «ser»), que se desprende e envolve, que se funde nos materiais, numa busca de tornar visível o que não é. Uma espécie de viagem que se processa presa a raízes ontológicas, exprimindo-se em desejo contínuo de tirar de dentro para fora uma bagagem imensa (acumulada nos lugares que visita), ao mesmo tempo que um movimento, em sentido contrário, procura preencher o que entretanto ficou vazio.

Os vários espaços da Casa da Cerca são ocupados por obras que dialogam com esta noção de «caminho», de «viagem» permanente – paus envolvidos por desejos anónimos escritos a preto numa fita vermelha evocando uma errância peregrina; barcos suspensos que se dão a ver como se o visitante caminhasse no fundo de um qualquer mar e que se reflectem a vermelho nesse mesmo fundo; montanhas; aeroportos, lugares de passagem para partir ou chegar.

É imenso o mundo que esta artista transporta consigo e que teima em prender ao seu corpo, transformando-o depois no seu trabalho que passa a ser o corpo desse mesmo mundo. Para o partilhar, Cristina Ataíde procede à inversão de escalas, reduz o exterior à dimensão do visível, permitindo pontos de vista só possíveis de alcançar através dessa miniaturização do real. Deste modo, a possibilidade de dominar, de possuir visualmente a paisagem, confere uma estranha sensação de plenitude e, simultaneamente, de pequenez, face à extensão do que é dado a conhecer. Nestas dimensões opostas, ajusta-se a dimensão do mundo.

Ao seu trabalho juntam-se ainda as palavras – as suas e as dos outros. São inúmeras as listas que elabora, construídas a partir de um tema ou de um pretexto qualquer e que, cumulativamente, vão registando e organizando o que de outro modo ficaria disperso, por dizer ou mesmo por anotar. Lugares de ordem e de estabilidade que, aparentemente, são uma espécie de contraponto à mobilidade que impõe a si própria e que a sua obra reflecte, mas que coexistem e se completam, sem entrar em conflito, no mesmo espaço.

Neste sentido, a obra desta artista tem uma forte componente metafórica da qual emerge uma sensibilidade de uma delicadeza extrema, subtil, quase frágil e transparente. Na escultura, no desenho, na fotografia ou no vídeo, Cristina Ataíde aborda de modo sensível a matéria, molda-a, imprime-lhe o vigor e rigor de si própria, tornando-se parte integrante do resultado, muitas vezes efémero.

São esses registos de si que Cristina Ataíde transportou para a Casa da Cerca e para O Chão das Artes. Pela «viagem», pelos caminhos que nos propõe percorrer, pela sua disponibilidade e entusiasmo que imprimiu a este projecto, fica aqui registado o nosso agradecimento.

Ana Isabel Ribeiro